

## Disputas por *vontades de verdade* sobre os corpos na escola: o dispositivo fenotípico da homofobia e do racismo

Disputes for *wills to truth* on bodies in school: the phenotypical device of homophobia and racism

Fulvio Cesar Garcia Severino<sup>1</sup>

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos-SP, Brasil

### Resumo

Neste trabalho foram analisadas discursivamente matérias sobre homofobia (quatro) e racismo (três), publicadas no *site* de notícias G1. Foram selecionadas aquelas que apresentavam separadamente essas duas temáticas no cenário escolar, vinculadas ao corpo dos sujeitos. Analisou-se como as “vontades de verdade” dos corpos de negros e negras e de gays e lésbicas construíam embates discursivos, deslocando-os das normas de modo a marcar suas diferenças. Notou-se, basicamente, a tendência à produção e à naturalização de características com efeitos fenotípicos, que ora marcam a diferença, inferiorizando-a, ora interditam ou deslocam as semelhanças, quando fragilizam as normas. Nesse processo, as subjetividades são controladas por meio da objetivação dos corpos dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Homofobia, Racismo, Dispositivo fenotípico, Vontades de verdade.

### Abstract

In this study, seven reports on homophobia (four) and racism (three) published in G1 news website were discursively analyzed. All the reports presented separately these two themes in school, bound to the subject's bodies. The analysis has focused on how “wills to truth” about the blacks', gays' and lesbians' body built discursive struggles displacing them from the rule and underlining their differences. Basically, there was a tendency in producing and naturalizing characteristics with phenotypical effects, which sometimes underline differences, diminishing them, and sometimes block or shift equalities, when they weaken the rules. In this process, subjectivities are controlled through the objectification of the subjects' bodies.

**Keywords:** Homophobia, Racism, Phenotypical device, Wills to truth.

### Introdução

*Não se vive num espaço neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel. Vive-se, morre-se, ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas (FOUCAULT, 2013a, p. 19).*

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação; Universidade Federal de São Carlos; Linha de pesquisa: Educação, Cultura e Subjetividade. Formado em Ciências Biológicas e Fisioterapia pela UFSCar. É mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais pela UFSCar. Email: fulvioosgar@gmail.com  
Este artigo foi resultado do trabalho final da disciplina “Presenças de Foucault na análise do discurso” do Programa de Pós-graduação em Linguística (UFSCar) ministrada pela professora Dra. Vanice Sargentini. O trabalho foi posteriormente revisto e reelaborado tendo como resultado esse artigo.

Para dizer uma “verdade”, é preciso entrar na ordem (arriscada) do discurso, é preciso se haver com o que há de categórico e decisivo, é preciso se haver com outros discursos fundamentais, fazer com que sejam reatualizáveis. Quem fala deve deter seus sentidos múltiplos e ocultos; ter domínio dos objetos, dos métodos e do *corpus* de proposições; precisa saber entrar no jogo dessas regras, de suas definições, de suas técnicas e de seus instrumentos.

Foucault (2014a) mostra que, a partir do século VII, houve um deslocamento discursivo da verdade do ato ritualizado da enunciação para o próprio enunciado. A vontade de saber<sup>2</sup>, característica dos discursos científicos das sociedades ocidentais modernas, também foi deslocada, a partir do século XIX, para a vontade de verdade. Em outras palavras, os efeitos de verdade dos discursos advêm do seu efeito de objetividade, mantendo, de certa forma, o ato da enunciação afastada do discurso. As “verdades” seriam os efeitos daquilo que produzem (GREGOLIN, 1996).

Não obstante, é necessário ter autoridade para formular novos enunciados –mesmo se forem enunciados erros, estes devem ser disciplinados dentro de um sistema que os controla. No entanto, “nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição do sujeito que fala” (FOUCAULT, 2014a, p. 35; grifos meus).

Nesse jogo de discursos circulantes, conectam-se práticas e conhecimentos, criam-se lutas que apresentam uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação, mas também uma oposição aos segredos, deformações e representações mistificadoras impostas às pessoas, o que Foucault chamou de *régime du savoir*. Alguns discursos são acolhidos e outros, silenciados; certos mecanismos e instâncias determinam a veracidade ou a falsidade dos enunciados; certas técnicas e procedimentos controlam a obtenção de verdades e a autoridade define quem pode ou não dizer.

As lutas discursivas promovem práticas de representação do outro, práticas estas que não ocorrem sem violência, porque existem em condições de relações desiguais; os estereótipos são criados nessas condições de disputa de representações (HALL, 2013). Os agentes do discurso não ocupam posições iguais de poder e nem se apoiam nas mesmas pressuposições do que constituem “acordo” e “unidade”; são justamente tais relações de poder que condicionam e limitam os discursos. A incompletude essencial dessas “unidades” (por exemplo, a categoria “mulheres”) deveria ser compreendida como espaços permanentemente disponíveis a significados contestados (BUTLER, 2015). Para Hall (1996), as identidades são produções nunca acabadas, e, portanto, sempre constituídas interna e externamente à representação, não são fixas por um passado essencializado, mas continuamente sujeitas ao jogo da história, da cultura e do poder – são, nesse sentido, também disputas.

Autores e autoras contemporâneas argumentam na direção dessa disputa por vontades de verdade. O clássico *Orientalismo*, de Said (2015), descreve como os discursos do Ocidente implicaram a formação e a representação do imaginário sobre o Oriente: “a cultura europeia ganhou força e identidade ao se contrastar com o Oriente, visto como uma espécie de eu substituto e até subterrâneo” (p. 30). Associada a certa representação discursiva do Oriente, Courtine (2016) relaciona o evento do 11 de setembro de 2001 com o massacre de *Charlie Hebdo* e toda a sequência de

2 Descrita, sobretudo, por Foucault (2014b) em *História da sexualidade I. A vontade de saber*.

acontecimentos (em janeiro de 2015) evidenciando “o desenrolar, numa situação histórica, [...] [dos] laços entre a ansiedade, o medo, o discurso, o acontecimento e a memória” (COURTINE, 2016, p. 23).

Davis (2016) apresenta, por exemplo, a construção discursiva do homem negro como violento e esturpador. Também podemos encontrar essas disputas por vontades de verdade em Louro (2014, 2015) nos estudos de gênero e das sexualidades e, em Preciado (2017), no campo das transexualidades, entre outros e outras<sup>3</sup>.

A verdade do que conhecemos é resultado de uma batalha de efeitos: não é inerente (no sentido kantiano), mas produzida (PEREIRA, 2011). Na esteira desse pensamento, Fonseca (2015) sinaliza que o corpo, na obra foucaultiana, é efeito material e produto de uma técnica e não uma realidade material em si.

As relações de produção e de significação colocam o sujeito, portanto, em práticas divisórias, separando-o de outros e objetivando-o. Não se objetiva o poder, mas o “inimigo”: não se objetiva o heterossexual, mas o homossexual; não se objetiva o branco, mas o negro. Os indivíduos são categorizados, marcados com suas próprias individualidades, ligados às suas identidades e se lhes impõe uma lei de verdade (FOUCAULT, 1982; 2014b).

Gregolin (2007) considera o estudo das mídias como de extrema relevância para a análise do discurso, uma vez que, sendo o discurso uma prática social historicamente datada, constitui tanto os sujeitos quanto os objetos: “o dizer fabrica as noções, os conceitos e os temas de um momento histórico” (GREGOLIN, 2007, p. 15). Segundo a pesquisadora, os textos veiculados pela mídia não oferecem uma realidade, mas produzem formas simbólicas dessa realidade.

Como recorte para se compreender os discursos, suas regularidades e seus efeitos de verdade, foi escolhido o site de notícias G1, devido ao seu alcance de público (associado às emissoras de televisão da Rede Globo), sendo assim considerado metonimicamente um veículo de produção e dispersão de discursos.

No dia 20 de dezembro de 2016, foram feitas duas buscas de reportagens publicadas em 2016, considerando um intervalo de tempo de um ano. Esse intervalo recorta um *arquivo*, que, segundo Foucault (2013b), é o conjunto de discursos efetivamente produzidos, com data e lugar, que continuaria a funcionar, transformar-se e produzir outros. As buscas das reportagens se deram em dois blocos, usando-se os termos “homofobia” e “escola” e depois “racismo” e “escola”. Das matérias encontradas, foram selecionadas as que apresentavam o corpo como temática, resultando em quatro relacionadas à homofobia e em três, ao racismo.

O objetivo desse trabalho é fazer emergir dos discursos da mídia essas formas simbólicas e compreender como elas têm o poder de construir seus objetos – que ao mesmo tempo são os próprios sujeitos (gays, lésbicas, negros e negras) –, como a disputa por vontades de verdade estabelece as práticas divisórias que objetivam os corpos e os tornam abjetos e de que forma tal disputa acontece no campo discursivo.

Entendem-se os discursos como campos de regularidade determinados por posições de subjetividades e organizados pelas formações discursivas. Não é a verdade ou a falsidade dos enunciados dos discursos que interessa, tampouco a interpretação dos sentidos, mas sim a positividade dos enunciados, ou seja, que efeitos foram

3 Bilge (2009), a partir da leitura de Davis (2008) e inspirada na questão do poder em Foucault, destaca que as identidades são compreendidas como múltiplas e fluidas, o que possibilitaria a desconstrução de categorias normalizadoras e homogeneizantes.

produzidos, que outros discursos foram reatualizados e como estão articulados, como construíram jogos de silenciamento e produção, que vontades de verdade são produzidas, que disputas estão envolvidas e que subjetividades são questionadas, como o que é dito ordena e constitui pertinência – os enunciados do discurso representam as *coisas ditas*, cuja superfície opaca não esconde qualquer sentido que estaria à espera de ser compreendido (ANGERMULLER, 2013). As formas das coisas que conhecemos têm, de acordo com Nietzsche, “a aparência de algo durável, mas é também um acomodamento que inventamos de acordo com a economia de nosso psiquismo” (SANTOS, 2017, p. 47). Na esteira do pensamento nietzschiano, Foucault (2014a) afirma que as coisas não preexistem às práticas discursivas; os discursos é que lhes dão forma, que põem em funcionamento as relações dos enunciados (FISCHER, 2001).

O quadro a seguir apresenta o título das reportagens, o *link* de referência e a data da publicação.

**Quadro 1.** Matérias analisadas: título, *link* e data de publicação

Número para referência da matéria	Matéria: título, <i>link</i> e data de publicação
I	'A família está desolada', diz amigo de jovem morto por ser homossexual <a href="http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2016/12/familia-esta-desolada-diz-amigo-de-jovem-morto-por-ser-homossexual.html">http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2016/12/familia-esta-desolada-diz-amigo-de-jovem-morto-por-ser-homossexual.html</a> 18/12/2016 16h41
II	Pichação chama diretor de gay em muro de escola e ele vai à polícia <a href="http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2016/10/pichacao-chama-diretor-de-gay-em-muro-de-escola-e-ele-vai-policia.html">http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2016/10/pichacao-chama-diretor-de-gay-em-muro-de-escola-e-ele-vai-policia.html</a> 28/10/2016 13h13 - Atualizado em 28/10/2016 14h30
III	'Os iguais também se atraem'; pinturas geram polêmica em escola militar <a href="http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2016/10/os-iguais-tambem-se-atraem-pinturas-geram-polemica-em-escola-militar.html">http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2016/10/os-iguais-tambem-se-atraem-pinturas-geram-polemica-em-escola-militar.html</a> 20/10/2016 13h16 - Atualizado em 21/10/2016 11h12
IV	Combate à homofobia é tema de palestras em escolas de Macapá <a href="http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2015/05/combate-homofobia-e-tema-de-palestras-em-escolas-de-macapa.html">http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2015/05/combate-homofobia-e-tema-de-palestras-em-escolas-de-macapa.html</a> 14/05/2015 09h56 - Atualizado em 14/05/2015 09h56
V	Contra o racismo, alunos viram modelos em exposição no ES <a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2016/11/contra-o-racismo-alunos-viram-modelos-em-exposicao-no-es.html">http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2016/11/contra-o-racismo-alunos-viram-modelos-em-exposicao-no-es.html</a> 29/11/2016 08h27 - Atualizado em 29/11/2016 08h27
VI	Bilhete de escola gera desabafo de mãe contra racismo: 'Não quero que minha história se repita com meus filhos' <a href="http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/06/bilhete-de-escola-gera-desabafo-de-mae-contra-racismo-nao-quer-o-que-minha-historia-se-repita-com-meus-filhos.html">http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/06/bilhete-de-escola-gera-desabafo-de-mae-contra-racismo-nao-quer-o-que-minha-historia-se-repita-com-meus-filhos.html</a> 22/06/2016 09h00 - Atualizado em 22/06/2016 09h56
VII	Alunos são proibidos de apresentar trabalho sobre entidade do candomblé <a href="http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/11/alunos-sao-proibidos-de-apresentar-trabalho-sobre-entidade-do-candomble.html">http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/11/alunos-sao-proibidos-de-apresentar-trabalho-sobre-entidade-do-candomble.html</a> 24/11/2016 13h48 - Atualizado em 25/11/2016 17h49

Fonte: Elaborado pelo autor. Acesso ao portal G1 em 20 de dezembro de 2016.

## Corpos em tensão

As matérias, de maneira geral, apresentam uma tensão entre que corpos devem e podem ser mostrados e quais não devem e não podem; que corpos estão autorizados a fazer parte do ambiente escolar, como podem fazer parte, de que forma devem se comportar, com o que devem se parecer, quais identidades podem ser representadas. O corpo, com sua opacidade paradoxal, constitui o foco de todas as reportagens selecionadas. Como evidenciava Foucault (2016a), o corpo é a superfície de inscrição dos acontecimentos; a linguagem marca tais acontecimentos, enquanto as ideias os dissolvem. No corpo, encontram-se os estigmas dos acontecimentos, também dele nascem desejos, desfalecimentos e erros, que se atam, exprimem-se, desatam-se, entram em luta, apagam-se e seguem seu insuperável conflito.

Os corpos de negros e negras, gays e lésbicas vivem lutas em que são expostos, silenciados, debatidos, acusados, humilhados, violentados, como se estivessem em uma mesa de autópsia para serem dissecados; como se, nesse processo, se averiguasse não a causa de sua morte, mas sim a causa de sua vida (por que e como vivem), essa vida precária, subalternizada, abjeta. Essas lutas

questionam o status do indivíduo: de um lado, afirmam o direito de ser diferente e assinalam tudo o que torna os indivíduos verdadeiramente indivíduos. Por outro lado, atacam tudo que separa o indivíduo, que desmantela sua relação com os outros, que fragmenta a vida em comunidade, que força o indivíduo de volta para si mesmo e o amarra à sua própria identidade, coercitivamente. Não são lutas contra ou a favor do indivíduo, mas contra o “governo da individualização” (FOUCAULT, 1982, p. 781; tradução minha)<sup>4</sup>.

O poder age sobre os corpos, não de forma a reprimir, impedir, ou como um grande superego, mas de forma a produzir efeitos, no nível do desejo, e dessa maneira produz saberes (FOUCAULT, 2016b). A batalha entre *vontades de verdade* parece operar nesse nível, coloca os corpos em tensão, em tensão de saberes, de subjetividades, objetivando, subjetivando e sujeitando os indivíduos por meio de seus corpos: são expostos, invisibilizados, visibilizados, silenciados.

## Corpos expostos e (in)visíveis

Os corpos negros enfrentam um duelo constante entre se mostrarem e serem silenciados. Ao mesmo tempo em que, na escola citada na matéria V, são apresentados (ou precisam ser apresentados) em uma exposição, em outra escola, dois alunos são “aconselhados” a terem os cabelos cortados (matéria VI) – Fig. 1a e 1b.

4 “They are struggles which question the status of the individual: on the one hand, they assert the right to be different, and they underline everything which makes individuals truly individual. On the other hand, they attack everything which separates the individual, breaks his links with others, splits up community life, forces the individual back on himself, and ties him to his own identity in a constraining way. These struggles are not exactly for or against the “individual” but rather they are struggles against the “government of individualization”. (FOUCAULT, 1982, p. 781).



**Figuras 1a e 1b** Imagens apresentadas nas matérias, respectivamente, V e VI

Fonte: *Website G1*, acesso em 20 de dezembro de 2016.

O bilhete reproduzido na matéria VI, enviado à mãe de dois meninos gêmeos negros evidencia a interdição do corpo negro: “Olá! Mamãe Débora, peço-lhe se possível aparar ou trançar o cabelinho dos meninos, eles são lindos, mais (sic) *eu ficaria mais feliz com o cabelo deles mais baixo ou preso. Beijos, Fran*” (matéria VI, grifos meus).

A matéria V apresenta um trabalho escolar em que alunas e alunos aparecem como modelos de exposição com o objetivo de combater o racismo. Os seus corpos foram fotografados em uma mata próxima à escola, com pinturas que capturavam e expunham o imaginário de um africano “nativo”. Os corpos negros, nessa exposição, foram deslocados para o ambiente de mata (“natural”), lugar ocupado pela vida silvestre, e expostos para apreciação dos brancos em um ambiente sociocultural. Na fala de um dos alunos, reproduzida a seguir, ele tenta a igualdade entre brancos e negros a partir da diferença exposta na disputa entre social e natural, animal (ou não humano) e humano. A representação de africano está deslocada para corpos que marcam e evidenciam a diferença: enuncia-se o contraste entre primitividade e civilidade, ambas discursivamente forjadas. A representação do corpo negro foi deslocada para uma representação não apenas de primitividade, mas, sobretudo, de exposição dessa primitividade.

Os próprios alunos, com a ajuda da professora, fizeram as pinturas. *Como cenário, escolheram uma mata* perto da unidade de ensino.

“Nós gostaríamos que as pessoas não tivessem preconceito, pois sendo branco ou preto, somos iguais. Gostei muito do projeto da exposição, de ser pintado. *Eu me vi como um africano*”, disse o aluno Bruno Dias, 14 anos (Matéria V, grifos meus).

Vê-se, nesse exemplo, como a objetivação opera a subjetividade: “sendo branco ou preto, somos iguais”, no entanto, o negro é representado e exposto de forma a marcar e evidenciar suas diferenças e o próprio aluno se enxerga exatamente da forma como foi objetivado. Torna-se visível não um corpo invisibilizado, mas um corpo forjado, irreal, deslocado.

Essa matéria também reatualiza e coloca em diálogo pelo menos outros dois discursos que imprimem “verdades” sobre os corpos negros. Ao deslocar os corpos negros para a condição de vida silvestre, faz-se emergir e ganhar força, de forma silenciosa, um discurso apoiado em uma leitura equivocada da evolução darwiniana<sup>5</sup>,

5 A representação da evolução humana a partir da perspectiva darwinista representada na imagem do macaco “evoluindo” até o humano possui diversos erros, entre eles, a concepção equivocada de que a evolução, segundo Darwin, ocorreria numa sequência linear de progresso e que o humano descenderia diretamente do macaco. A classificação

que apresenta o macaco (ou não humano) “evoluindo” até o humano. E mais, ao trazer tal discurso em forma de exposição do corpo, reatualiza os *freak shows* europeus do início do século XIX, cujo expoente, Sarah Baartman (a Vênus Hotentote) foi incessantemente exposta, mesmo após sua morte, dissecando-se e marcando-se a diferença por meio de seu corpo, o do negro em relação ao do branco. Courtine (2013) ressalta a invenção, nesse contexto, da teratologia científica, marcando a diferença entre o normal e o anormal na passagem do voyeurismo cultural para a racionalização do olhar médico.

Por outro lado, se há necessidade de tornar visíveis certos corpos, é porque estes estão apagados, invisíveis, apaziguados. A matéria III expõe a tensão entre mostrar e esconder certos corpos; no caso, corpos “iguais que se atraem”, mas entre os quais, sobretudo, existiria afeto.



**Figura 2** Desenho feito por alunos e alunas de uma escola, na aula de Artes, cujo objetivo era discutir a orientação homoafetiva. Os dizeres no papel, colocados junto ao desenho, ao fundo, são: “Os iguais também se atraem” (Matéria III)

Fonte: *Website G1*, acesso em 20 de dezembro de 2016.

Embora retratados corpos iguais atraindo-se afetivamente (e, de fato, a imagem traz corpos idênticos), a imagem (Fig. 2) sugere ausência de sexo, mesmo biológico. Não há roupas nos desenhos, os corpos estão apresentados desnudos e, ainda assim, sem identificação de características biológicas sexuais (nem primárias, nem secundárias), tampouco de características culturais que identificariam os desenhos como homens ou mulheres. A imagem sugere que os dois corpos iguais podem se atrair, mas, discursivamente, não seriam capazes de relação sexual. Em outro dizer da exposição dos corpos *queer*<sup>6</sup> (Fig. 3), pode-se ler “Ser gay é tão natural quanto essa árvore”. Quão “natural” é um corpo destituído de identidades sexuais ou de gênero?

biológica aceita atualmente considera que os humanos e os macacos atuais são todos primatas e, filogeneticamente, possuem ancestrais comuns.

6 Pela dificuldade em encontrar um termo que faça referência a homossexuais tanto homens quanto mulheres, optei pelo termo *queer*. O termo gay é normalmente usado para se referir a homossexuais homens, o que poderia invisibilizar as lésbicas ao longo deste artigo. Também compreendo que a questão da homofobia atinge diferentemente homens e mulheres, cis e trans, e, embora haja essas diferenças, trato aqui a questão da homofobia a partir das matérias selecionadas, em sua maioria, relacionadas ao sujeito gay, homem e cis. De fato, ao pesquisar na internet o termo “homofobia”, a maioria das matérias diz respeito à homossexualidade masculina e cis; e o uso do termo *queer* em algumas ocasiões do texto não pretende uma unidade, e sim apenas referência linguística. O artigo também não pretende resumir a experiência da homofobia a homens cis (já que também dentro dessa categoria não existe unidade), mas compreender como operam os discursos e seus efeitos.

Que “natureza”, portanto, estaria expressa discursivamente nos desenhos? Árvores, inclusive, têm e fazem sexo; seus órgãos sexuais (as flores, nas angiospermas), aliás, remetem a beleza e exuberância, constituem motivos de admiração e são usados como critério de escolha quando se pretende comprar plantas ornamentais.



**Figura 3** Enunciado sobre a homossexualidade, apresentado por alunos e alunas em uma escola (Matéria III)

Fonte: *Website G1*, acesso em 20 de dezembro de 2016.

Ressalte-se que em ambos os exemplos (corpos negros e corpos *queer*) há uma tendência à exposição, à naturalização e à representação dos corpos de forma a deslocá-los e diferenciá-los marcadamente do padrão branco e heteronormativo.

O empreendimento colonial estabeleceu historicamente (cf. SANTOS, 2007; LUGONES, 2014) como norma o homem branco, heterossexual, de classe média urbana, cristão, referência esta que não precisa mais ser nomeada e que marca os “outros” sujeitos sociais, classifica-os, atribui-lhes rótulos, fixa e subjuga suas identidades. Por outro lado, quando essas identidades emergem publicamente, trazem algo de perturbador e perigoso, pois evidenciam a fragilidade da norma em sua instabilidade e fluidez (LOURO, 2015). Esses dois movimentos, de que fala Louro, tornam-se muito evidentes nas duas reportagens: se, por um lado, a exposição permitida dos corpos negros marca a diferença em relação aos corpos brancos, a exposição dos corpos *queer* tenderia<sup>7</sup> a legitimar a igualdade, portanto, talvez a interdição da exposição. No primeiro caso, a norma branca é reforçada pela evidência da diferença, enquanto, no segundo, a norma heterossexual seria enfraquecida pela evidência da semelhança.

### Corpos historicamente violentados

Proponho um recorte desse processo histórico a partir da experiência colonial, sobretudo na América Latina, apresentada por Lugones (2014) e por Santos (2012) e da história da sexualidade descrita por Foucault (2014c), relacionado com a análise das reportagens na perspectiva discursiva de Butler sobre a reiteração dos significantes (*différance*) apoiada em Derrida.

Nota-se, pelas matérias referidas nesse artigo, haver uma diferença importante entre agressões verbais de caráter homofóbico e de caráter racista, sobretudo no que diz respeito à reação dos agredidos. Em agressões de caráter homofóbico, o agredido não expressa orgulho pela associação à homossexualidade. Outros discursos – e,

7 Usei os tempos verbais presente do indicativo (em “*marca* a diferença”) e futuro do pretérito (em “*tenderia* a legitimar a igualdade”), porque, no primeiro caso, a exposição dos corpos negros foi permitida e, no segundo, a exposição dos corpos *gays/queer* foi interdita.

portanto, “verdades” – entram em embate com tal aproximação: a identificação da homossexualidade com promiscuidade; a associação da homossexualidade com doenças, especialmente as sexualmente transmissíveis; a associação com a condição de feminilidade, em que, em uma sociedade machista, falocêntrica e misógina, a mulher também apresenta essas mesmas identificações inferiorizantes, quando olhada do ponto de vista sexual. Essas “verdades” podem ser evidenciadas nas seguintes passagens das matérias:

Palestras de combate à homofobia estão sendo ministradas a alunos de três escolas de Macapá [...] com o objetivo de montar um planejamento para enfrentar a discriminação e a violência contra os homossexuais no ambiente escolar. [...] a necessidade de abordar o tema nas escolas surgiu após relatos de estudantes que foram vítimas de algum tipo de violência e preconceito por causa da orientação sexual. [...] Além da homofobia, as doenças sexualmente transmissíveis também são abordadas na programação (Matéria IV).

A associação da homossexualidade (ou apenas ela) com doenças faz com que, em palestras sobre homofobia, aproveite-se também para debater as doenças sexualmente transmissíveis, impondo a aproximação desses dois temas, de onde se pode confrontar o dito e o não dito.

Morto a pauladas na madrugada do dia 10 de dezembro em um terreno baldio por um adolescente de 17 anos, Bruno, de 22 anos, estava em um bar com amigos quando foi atraído pelo menor para o terreno baldio, contou o estudante. [...] Para a polícia, ele contou que os assassinatos foram premeditados e que, nos [outros] dois crimes, *marcou programas sexuais para atrair as vítimas...* [...] “então ele deve ter aproveitado o momento que o *Bruno foi ao banheiro sozinho e aproveitou para levá-lo até o terreno*” (matéria I, grifos meus).

Gays (e parece que apenas eles) são atraídos por sexo e, por isso, são vítimas de agressões; a identidade fixada estabelece relação com promiscuidade (ou hipersexualização). Qual a articulação silenciosamente estabelecida entre “ir ao banheiro sozinho” e “ser levado para um terreno baldio”?

Nas passagens supracitadas, evidencia-se o jogo mencionado por HALL (2013), sobre como certas identidades podem ser fixadas: na estereotipagem, relaciona-se aquilo percebido como “real” com o fantasiado sobre certa identidade. Mais profundo e complexo ainda é o fato de não se dizer o que se propõe fantasiar, mas se infere o que não se pode mostrar. Assim, é produzida uma experiência forjada como se fosse real a partir das fantasias produzidas e reproduzidas.

Experiência, para Foucault, é a “correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 2014c, p. 8). É preciso olhar para três eixos a fim de compreender tal correlação: como são formados esses saberes, que sistemas de poder regulam as práticas e quais as formas pelas quais os indivíduos se reconhecem como sujeitos.

Voltando à Antiguidade, para pensar a história da sexualidade, Foucault apresenta a prática dos prazeres de forma polarizada em “papéis” sexuais. O verbo *aphrodisiazzen* se referia à atividade sexual de maneira geral, mas poderia ser usado de duas maneiras: na forma ativa (*aphrodisiazzen*) e na passiva (*aphrodisiasthenai*). A primeira designava-se particularmente como referência ao papel masculino na relação sexual, o da penetração; enquanto a segunda era empregada para o parceiro-objeto da

relação, em duas situações: para as mulheres, cujo papel era “naturalmente” esse, e para aqueles que se encontravam reduzidos a objeto de prazer de outro. Foucault (2014c) destaca que os termos “relação sexual” e “relação social” mantiveram-se isomórficos: a relação entre atividade e passividade é percebida de forma igual entre superior e inferior, dominante e dominado, quem submete e quem é submetido, vencedor e vencido.

Essa mesma lógica é enfatizada por Lugones (2014), descrevendo-a como categorial, dicotômica e hierárquica, central para o pensamento capitalista e colonial moderno sobre raça, gênero e sexualidade. Ela mostra que as organizações se mantêm em tensão com tal lógica, entre humano e não humano, seguida da lógica entre homem e mulher. O padrão era, e continua sendo, o homem, europeu, branco, burguês, cristão, heterossexual. O empreendimento colonial tornava os/as colonizados/as aberrações por meio de uma lógica dicotômica hierárquica, o que justificava enormes crueldades a partir do ponto de vista da missão civilizatória. Os colonizados eram considerados e julgados machos não humanos, e as colonizadas, fêmeas como a “inversão” da condição normativa dos homens. A “feminização” de “homens” colonizados estava mais associada a um gesto de humilhação sob ameaça de estupro, impondo-lhes passividade sexual. A sujeição masculina se dava na tensão entre hipersexualização e passividade sexual. A sexualidade feminina era deslocada para a malignidade, sendo as mulheres figuradas em Satanás, ou como possuídas por ele, contrastando com o ideal de mulher europeia, a qual reproduzia raça e capital por meio de sua pureza e passividade sexuais e, ainda, por estar atada ao lar a serviço daquele homem europeu.

Essa lógica descrita por Foucault e Lugones justifica o efeito causado ao diretor da escola que teve seu nome associado à imagem de gay, fato relatado na matéria II. Foi necessário recorrer à polícia, bem como realizar um boletim de ocorrência porque a palavra gay foi escrita no muro da escola associada ao nome do diretor (Fig. 4). Atribuir a alguém o adjetivo gay, para a matéria e para o diretor, constitui um caso de injúria e de homofobia: “A injúria foi apagada com tinta, mas minha moral e emocional continuam abalados...”



**Figura 4** Imagem destacada na Matéria II, na qual é apresentada a “ofensa” dirigida ao diretor de uma escola

Fonte: *Website G1*, acesso em 20 de dezembro de 2016.

Essa lógica exposta por Lugones também justifica o assassinato de gays, incluindo enormes crueldades (ressalta-se, neste enunciado, a frieza da descrição da violência pela matéria<sup>8</sup>):

8 Não foi o foco da discussão neste artigo; no entanto, a frieza na descrição também pode estar associada a outro embate discursivo que aparece na matéria I. Sempre que a referência é feita ao suspeito [e ora assassino confesso]

Em um dos momentos do depoimento, o jovem [acusado de matar] riu ao ver as imagens de Bruno com ferimentos causados pelas pauladas que recebeu dele e disse que chegou a pular na cabeça do inspetor de escola. [...] Junto ao cadáver havia um pedaço de madeira e um galho de árvore, que teriam sido usados no crime (Matéria I).

Judith Butler, em entrevista, relata como a ofensividade da linguagem e como o processo de reiteração dos significantes pode ser uma forma de alterar seu significado:

Eu me lembro de uma vez andando pela rua em Berkeley e um garoto debruçado na janela me perguntou, “Você é lésbica?”. Simplesmente assim. Eu respondi, “sim, sou lésbica”. Eu devolvi a pergunta de forma afirmativa. Foi uma reação completamente impulsiva. Foi uma interpelação vinda de nenhum lugar. Claro, o que o interrogador perguntava era “Você é essa coisa de que eu tenho medo e que odeio? Você se atreve a dizer sim a essa coisa que você aparentemente é, ou pelo menos com o que se parece? E eu, tenho poder sobre você quando a exponho com a pergunta que lhe faço?”. À medida que eu, muito rapidamente, fui capaz de me virar e dizer “sim, sou lésbica”, o poder do meu interrogador se perdeu. Ele foi deixado num tipo de choque, tendo ouvido alguém corajosamente e com orgulho se apropriar do termo – alguém que gastou a maior parte da vida desconstruindo o termo em outros contextos. Foi algo muito poderoso de se fazer. Não fui eu quem desferiu o termo, eu o recebi e o devolvi. Eu o repeti, o reiterei. [...] É como se meu questionador estivesse dizendo “O que nós vamos fazer com a palavra *lésbica*? Ainda podemos usá-la?”. E eu disse “Sim, vamos usá-la desse jeito”. É como se o questionador debruçado na janela estivesse dizendo “Ei, você acha que a palavra *lésbica* só pode ser usada de forma depreciativa na rua?”. E eu disse “Não, ela pode ser dita na rua! Junte-se a mim!”. [...] Então, quando pensamos em como a reiterabilidade executa seu trabalho retórico, nós provavelmente cometemos um erro quando pensamos que é a palavra que fere, quando, na verdade, há sempre o propósito a que a palavra serve. Podemos ligá-la à ofensa ou desvinculá-la, podemos tentar interrogar como ela é relacionada ou desvinculada, mas o propósito maior de reiterar a linguagem ofensiva é mostrar como é arbitrária a relação da palavra em si com a injúria que ela apresenta (OLSON; WARSHAN, 2000, p. 759-761; tradução minha)<sup>9</sup>.

Derrida (2009) propõe duas maneiras de apagar a relação entre significado e significante:

---

de matar o inspetor da escola, a matéria usa expressões como “o menor de 17 anos”, “um adolescente de 17 anos”, “o menor que confessou o crime”. Propõe-se outro embate, trazendo a discussão da redução da maioridade penal.

9 “I remember once walking on a street in Berkeley and some kid leaned out of a window and asked, ‘Are you a lesbian?’. Just like that. I replied, ‘Yes, I am a lesbian.’. I returned it in the affirmative. It was a completely impulsive moment. It was an interpellation from nowhere. Of course, what such a questioner is really asking is, ‘Are you this thing that I fear and loathe? Do you dare to say yes to this thing that you apparently are, at least on the basis of what you look like? And I have power over you to the extent that I am now seeking to expose you through the question I pose to you.’. To the extent that I was able very quickly to tum around and say, ‘Yes, I am a lesbian.’, the power of my interrogator was lost. My questioner was then left in a kind of shock, having heard somebody gamely, proudly take on the term – somebody who spends most other life deconstructing the term in other contexts. It was a very powerful thing to do. It wasn’t that I authored that term: I received the term and gave it back; I replayed it, reiterated it. (...) It’s as if my interrogator were saying, ‘Hey, what do we do with the word lesbian? Shall we still use it?’ And I said, ‘Yeah, let’s use it this way!’ Or it’s as if the interrogator hanging out the window were saying, ‘Hey, do you think the word lesbian can only be used in a derogatory way on the street?’ And I said, ‘No, it can be claimed on the street! Come join me!’ (...) So, when we’re thinking about how iterability does its rhetorical work, we probably make a mistake when we think that it’s the word that causes the injury, when actually there is always a question of what purpose that word will serve. We can re-link it to injury, we can de-link it, we can try to interrogate how it is linked and de-linked, but the whole purpose of reiterating injurious language is to show that the relationship of the word itself to the injury that it performs is finally arbitrary”. (OLSON; WARSHAN, 2000, p. 759-761).

uma, a clássica, consiste em reduzir ou em derivar o significante, isto é, em submeter o signo ao pensamento; a outra [...] consiste em questionar o sistema no qual funciona a precedente redução: em primeiro lugar a oposição do sensível e do inteligível (DERRIDA, 2009, p. 411).

Em outras palavras, o autor aponta a necessidade de pensar a *différance* da diferença, ou seja, desenclausurar o signo, que precisa ser deslocado, expulso do seu lugar metafísico: não há um centro como lugar natural e fixo, mas um não lugar no qual se fazem substituições de signos. “Na ausência de um centro ou de uma origem do signo, o significado central, originário ou transcendental nunca está presente fora de um sistema de diferenças. A ausência de um significado transcendental amplia indefinidamente o campo e o jogo da significação” (DERRIDA, 2009, p. 409-410). Ou ainda, “o signo deve ser a unidade da heterogeneidade, uma vez que o significado não é em si um significante, um rastro: em todo o caso, não é constituído em seu sentido por sua relação ao rastro possível” (DERRIDA, 2000, p. 22).

Enquanto insultos ditos homofóbicos produzem reações que parecem fixar ainda mais as identidades, insultos racistas parecem mais propícios a provocar um deslocamento metafísico de que fala Derrida.

Vê-se, no caso de agressões racistas, um maior movimento de defesa da identidade negra, agressões estas evidenciadas pelo corpo, quando a própria pessoa negra toma a frente da reação. Na matéria que discute um bilhete enviado a uma mãe sobre o cabelo de seus filhos gêmeos (Fig. 2b), veem-se em disputa a interdição do corte de cabelo e a expressão de identidades negras que marcam as diferenças e impediriam certo branqueamento pela uniformização (por exemplo, a aparência do cabelo daquelas crianças com a dos demais alunos e alunas da escola). Em outra reportagem (matéria VII), a recusa da direção da escola em permitir a apresentação da entidade Pomba-Gira (de matriz religiosa africana), por um grupo de alunos, durante uma feira cultural, gera confronto na escola. A diferença importante no tratamento dessa reportagem em relação à matéria sobre a injúria ao diretor evidencia-se na comparação dos discursos usados como argumentos. No caso do diretor, o argumento se baseia no uso da palavra gay como injúria e homofobia; já na reportagem sobre a Pomba-Gira, o racismo é atribuído à não permissão da expressão de religiosidade de matriz africana. A matéria cita a fala de um aluno:

Ela agiu de forma preconceituosa, falando que não aceitava “macumba” na escola dela. Eu achei o ato totalmente desrespeitoso e tomei a frente da situação chamando meus colegas de classe para irmos até ela, dialogar sobre o fato. Nesse momento, o vídeo foi feito pela minha amiga. Eu já tinha plena consciência que o que eu tinha acabado de presenciar era crime, porém precisava de provas para que o crime fosse julgado e penalizado (matéria VII).

Traz ainda falas de autoridade de uma professora doutora e coordenadora do Grupo de Trabalho Afro-Amazônico da Universidade Federal do Pará e fundadora do Centro de Estudos de Defesa do Negro do Pará (Cedenpa): “Mais do que intolerância religiosa, é racismo. A diretora tem o discurso usado há séculos de demonizar as religiões de matriz africana, segregando, diminuindo e invisibilizando”. Outro embate de verdades aparece aqui. A norma cristã em disputa com o candomblé, que, por ser de matriz africana, traz outras verdades em jogo: a demonização do negro por meio da religiosidade – “Isso não é de Deus”. Ora, pelo lugar de fala cristão da diretora, se não é Deus, é de quê? A

religiosidade africana é motivo de constrangimento pelo tipo de tema evocado: “[...] pais mais conservadores não gostam que seus filhos assistam a esse tipo de tema [...]. Tomei apenas cautela para evitar constrangimento aos alunos”.

Santos (2012) afirma que, durante a colonização, a intensificação do contato entre as sociedades africanas e europeias consolidou ideias preconceituosas em relação às religiosidades de matriz africana, aproximando duas palavras: feitiço e fetichismo. A noção de fetiche representa, desde o seu nascimento, uma concepção hierárquica de cultura em que, numa forma de dominação colonial, prevaleciam cosmovisões europeias católicas e protestantes.

As práticas rotuladas como fetichistas eram consideradas irracionais e inferiores pelos europeus. Para eles, de uma maneira geral, as formas de religiosidade encontradas na costa africana representavam o atraso espiritual e material [...]. Do mesmo modo, as palavras *feitiço*, *feitiçaria* e *bruxaria* foram largamente utilizadas pelos europeus para desqualificar as práticas religiosas. [...] o olhar católico identificava a religiosidade africana como feitiçaria [...] [fazendo] parte de uma longa história de demonização de práticas e valores não cristãos, oriunda de uma tradição cristã medieval, de repressão à idolatria, à superstição e à bruxaria (SANTOS, 2012, p. 33; grifos no original).

Além da demonização evidenciada na fala da diretora, a reportagem comete outros dois equívocos: a Pomba-Gira não faz parte do candomblé, mas sim da umbanda, e a entidade é considerada, na matéria, uma lenda urbana<sup>10</sup>. Erros decorrentes do desconhecimento, que leva à simplificação e ao esvaziamento das várias religiosidades, consequência, provavelmente, da longa história colonial que reverbera até os dias de hoje.

### **Considerações e reflexões: o corpo marcado e as heterotopias (ou *un vê de biè*)**

Atravessa, todos esses casos, uma questão fenotípica. Em nenhuma das duas reportagens fica evidente a condição de gay (do diretor, na matéria II) ou de negro (do aluno que tem sua fala aforizada, na matéria VII). Supondo, nos dois casos, reações de um gay e de um negro, ou ainda, de um não gay e de um não negro, a imagem de gay remete a uma abjeção não necessariamente fenotípica; ao contrário, a imagem de negro implicaria uma evidência fenotípica. Uma pode ser contestada, a outra, não. Façamos um exercício de reflexão: se, em vez de “Thiago gay” estivesse escrito no muro da escola “Thiago negro”, sendo o diretor negro ou não, qual seria a reação? Antes, seria a enunciação de uma evidência ou de uma agressão? No caso da palavra gay, está enunciada uma evidência ou uma agressão? Se, em vez de apresentarem a Pomba-Gira, os alunos apresentassem uma personagem gay, qual seria a reação dos envolvidos? Seria a naturalização da condição gay uma forma de torná-la fenotipicamente evidente, e, portanto, uma forma de marcação da diferença? Desse mesmo modo, a aproximação da homossexualidade com promiscuidade, doenças sexualmente transmitidas e feminização seriam, também, formas de determinar marcas implicitamente fenotípicas da diferença? Como poderia se dar a marcação do fenótipo na condição dos corpos negros?

10 O tema da Feira da Cultura do colégio este ano é “Construindo Valores”. De acordo com o estudante João Marcos de Souza, dentro da temática, foram determinados subtemas a cada turma da escola. “*A nossa sala ficou com ‘Lendas urbanas/Lendas Culturais’*. Cada um escolheu sua lenda, fez seu projeto, alguns já tinham até comprado e alugado seus trajes. Daí alguns dias antes da Feira, chegou a história até a diretora que nós iríamos fazer ‘macumba’ na sala”, relata João Marcos (trecho da matéria VII, grifos meus). O título (e toda a matéria) faz referência à Pomba-Gira como pertencente ao candomblé e não à umbanda.

Embora aprendamos na escola que a cor da pele é uma característica fenotípica, há uma enorme variação de fenótipos, marcados como se simulassem uma unidade<sup>11</sup>; além disso, somam-se os efeitos fenotípicos forjados historicamente. O fenótipo é marcado com toda a carga discursiva que tenta impedir a reiteração, quase como um *dispositivo fenotípico*: certas características são tão evidentemente marcadas, que se transformam em características naturais, como se fossem pré-discursivas, como se os discursos as revelassem em vez de as produzirem; é dado um efeito fenotípico a elas, como se fossem imanentes. No entanto, vale mais o efeito do que as próprias características, porque aquele opera no nível do que provoca, no campo do imaginado e do relacionado, nas sensações e nas emoções.

Em relação à experiência, Fanon (2008) faz uma reiteração no significado biológico de fenótipo: “O negro [martinicano] que viveu na França durante algum tempo volta radicalmente transformado. Geneticamente falando, *diríamos que seu fenótipo sofreu uma mutação definitiva, absoluta*” (FANON, 2008, p. 35; grifos meus). A experiência (ou o meio, como defendido pela Biologia) pode alterar o fenótipo independentemente do genótipo – entendido na fala de Fanon apenas como características físicas visíveis –, no entanto, não alteraria o genótipo (como evocado em “mutação definitiva”)<sup>12</sup>. O fenótipo modificado, de que fala Fanon, diz respeito às mudanças impressas no corpo do negro que volta ao seu país: voz, sotaque, gesticulação, descrição. Fanon conta a história do martinicano, “comedor de RR”, que, ao chegar à França, tenta fugir desse estigma, dizendo num bar “*Garrçon, un vê de biè*” (em vez de *Garçon, un verre de bière*), mas quando volta à terra natal, não fala mais o crioulo, agora apresenta um sotaque da metrópole, também não conhece mais o patoá e se entusiasma ao falar da Ópera de Paris. Usando essa analogia de Fanon, o deslocamento da condição de negro, no caso de servir como “obra em exposição”, marcaria fortemente a diferença no corpo, como no contraste “un vê de biè” e “un verre de bière”. No caso dos gays é como se houvesse um deslocamento de “un verre de bière” para “un vê de biè”. Nos dois casos, há a necessidade de, não apenas se produzirem fenótipos, mas de naturalizá-los, o que seria uma forma de fixá-los. O poder atua sobre os corpos, sobre seus órgãos e sistemas; além disso, pensar num dispositivo fenotípico acrescenta a ideia de que, metaforicamente, o

11 Por isso, ao longo do artigo, preferi “corpos negros”, no plural.

12 Biologicamente, a mutação opera no nível molecular, no genótipo e não no fenótipo. Genótipo diz respeito à constituição genética (à sequência das bases nitrogenadas que estruturam o DNA), enquanto fenótipo é a sua expressão biológica (funcional e/ou estrutural). Não considero que Fanon tenha feito confusão entre os conceitos. O que parece enunciado por ele é que o contato do colonizado com a metrópole imprime mudanças definitivas no corpo, talvez tão fortes que atuassem como se seu material genético fosse realmente alterado, daí, portanto, a minha relação com a questão discursiva imprimindo “verdades” nos corpos. Essas “verdades” imprimem características fixadoras nas identidades, são propagadas discursivamente e seriam expressas “fenotipicamente” como mudanças definitivas (embora forjadas); ademais, “voz”, “sotaque”, “gesticulação” e “descrição” não seriam considerados biologicamente fenótipos, mas Fanon dá a essas características o nome de fenótipos – no sentido de denotarem características fixas e diferenciadoras, que passariam a exercer efeito e poder fenotípicos. A reiteração proposta por Fanon põe em jogo dois tipos de determinismos, de um lado o determinismo biológico e do outro o determinismo cultural/social: o fenótipo da colônia seria tão diferente do da metrópole, como se as características fossem fenótipos, e assim sendo seriam determinadas geneticamente e, portanto, pré-discursivas ou metafísicas. Por isso, o termo *dispositivo fenotípico*. Nesse processo, o colonizado é colocado a viver num limbo: o “sotaque”, por exemplo, o distancia da terra natal, de sua origem e de sua identidade sem nunca o aproximar da metrópole.

[...] os geneticistas modernos se referem à totalidade de alelos que um indivíduo possui como seu genótipo e a sua aparência física como fenótipo [...] em outras palavras, o genótipo é o modelo e o fenótipo seu resultado visível” (cf. RAVEN, P.H.; JOHNSON, G.B. *Biology*. 6<sup>th</sup> Edition, Boston, MA: McGraw-Hill, 2002; p. 247). Destaco que não necessariamente um fenótipo seja sempre identificado por uma característica visível; a produção de certas proteínas, como, por exemplo, no sistema sanguíneo ABO, implica diferentes fenótipos que seriam apenas “visíveis” do ponto de vista funcional ou laboratorial.

poder atua em nível celular e molecular, como se fosse capaz até de provocar uma “mutação definitiva” no material genético.

Independentemente da orientação sexual do diretor, o adjetivo gay causou-lhe repulsa e vergonha, capaz de “manchar”-lhe o moral e o emocional, da mesma forma que a expressão de afetividade entre iguais “mancharia” o nome da escola. O impedimento da aparência dos cabelos dos meninos propõe uma interdição da diferença pela uniformização e possível branqueamento da escola, ao mesmo tempo em que, em outro extremo, a exposição do corpo negro de forma folclórica marca a diferença, inferiorizando-a. A expressão afetiva “entre iguais” comprometeria a norma heterossexual, por isso precisa ser silenciada.

Veem-se formas de objetivação que ora causam deslocamento das subjetividades, ora provocam seu aprisionamento, porque elas se encontram em uma arena de batalhas e de tensionamentos, em um jogo de disputas que pretendem expor, dissecar, violentar, visibilizar e invisibilizar as verdades das pessoas por meio de seus corpos. A norma precisa de tais deslocamentos e aprisionamentos para se manter, do contrário, seria publicamente deslegitimada; daí a batalha. Mas, onde ocorre essa batalha? Embora a escola seja considerada por Foucault uma heterotopia, o embate extrapola esse espaço.

No relato sobre a morte de um gay (matéria I), o indivíduo é transformado de sujeito que possui um corpo em corpo-cadáver do sujeito, sendo destituído como sujeito e ao qual se atribuem características distintivas: “*O corpo [no sentido agora de cadáver] do jovem de 22 anos foi encontrado pela polícia em um terreno baldio com vários ferimentos na cabeça, sem camisa e com o órgão genital para fora da calça*” (matéria I, grifos meus). Que sensações e emoções a imagem do corpo-cadáver desse jovem provoca? Existiria aqui uma marca sexual pronta para ser fantasiada e reiterada, como diz Hall (2013)? Ou como pontuava Foucault (2014a), existiria um paradoxo do qual não se escapa aos comentários? Diz-se o que está articulado silenciosamente: a técnica de “dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito” (FOUCAULT, 2014a, p. 24).

Ademais, o terreno baldio é o contraespaço, é a heterotopia (o lugar que não pertence a lugar algum), o lugar fictício onde a vida foi apagada e neutralizada do espaço onde vivem os que pertencem à norma, que não são abjetos, dejetos, resíduos. Foi no terreno baldio que a batalha ocorreu como acontecimento, de onde emergiu o discurso, e foi de lá também que a imagem do corpo-cadáver se desenhou e ganhou, alhures, emoções e sensações, e também efeitos. Também foi na mata, outra heterotopia, onde os corpos negros executaram sua batalha e de onde emergiram e reatualizaram-se os discursos. Os efeitos fenotípicos se deram, portanto, em espaços recortados, deslocados, onde a resistência é mais frágil, onde a revolta é mais abjeta, mais difícil de persuadir outros discursos, onde a batalha por vontades de verdade é mais facilmente vencida, onde os efeitos fenotípicos adquirem força dentro do dispositivo. O corpo também é uma topia<sup>13</sup> implacável: não se move sem ele, não se o remove, não se desloca sem ele, não é possível deixá-lo onde está para ir a outro lugar, é um pequeno fragmento do espaço, que com o próprio corpo se faz o corpo (FOUCAULT, 2013a).

As abjeções precisam ser reiteradas e deslocadas do local metafísico forjado que ocupam, portanto, o embate se dá por dois lados opostos na luta por vontades de

13 Topia, no sentido metafórico de lugar; nas palavras de Foucault (2013a, p. 7-8): “*mon corps, topie impitoyable [...] c'est le lieu sans recours auquel je suis condamné [...] c'est contre lui et comme pour l'effacer qu'on a fait naître toutes ces utopies*” (grifo meu).

verdade, ou, como dizia Fanon (2008): as evidências objetivas são as que dão conta da realidade, por isso falar é existir absolutamente para o outro. Nessas disputas de verdades, se leitoras e leitores se comportam como rebanhos de um poder pastoral<sup>14</sup> provenientes de um sacerdote ascético<sup>15</sup> midiático e, ainda, se a escola reforça certas “verdades”, as evidências objetivas mantêm-se sempre determinadas pelo que é dito e repetido indefinida e quase absolutamente a partir de um lado dessa disputa; do outro lado, sobram as heterotopias, espaços marginalizados e desprivilegiados, onde são produzidos e reforçados certos efeitos que atendem aos interesses das normas.

## Referências

- ANGERMULLER, Johannes. **Analyse du discours poststructuraliste**. Les voix du sujet dans le langage chez Lacan, Althusser, Foucault, Derrida, Sollers. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2013.
- BILGE, Sirma. Théorization féministes de l'interseccionalité. **Diogène**, V.1, n.225, p. 70-88, 2009.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo**. Pensar com Foucault. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- COURTINE, Jean-Jacques. A era da ansiedade: discurso, história e emoções. In: CURSINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (Orgs.) **(In)subordinações contemporâneas**. Consensos e resistências nos discursos. São Carlos-SP: Edufscar, p. 15-29, 2016.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça, classe**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, Kathy. Intersectionality as buzzword: A sociology of science perspective on what makes a feminist theory successful. **Feminist Theory**. Vol 9(1), p. 67-85, 2008.
- DERRIDA, Jacques. A escritura, o signo e o jogo no discurso das Ciências Humanas. In: \_\_\_\_\_. **A escritura e a diferença**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, p. 407-426, 2009.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso na Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223. Novembro/2001.
- FONSECA, Angela Couto Machado. Poder e corpo em Foucault: qual corpo? **Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFC**. V. 35.1, p. 15-33, 2015.
- FOUCAULT, Michel. The subject and power. **Critical Inquiry**, v. 8, n. 4, p. 777-795, 1982.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias / Le corps utopique, les hétérotopies**. São Paulo: n-1 Edições, 2013a.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013b.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 1. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2014b.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 1. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2014c.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra; p. 55-86, 2016a.
- FOUCAULT, Michel. Poder-corpo. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, p. 234-243, 2016b.

14 “Poder pastoral”, conceito tratado por Foucault em: FOUCAULT, M. The subject and power. **Critical Inquiry**, v. 8, n. 4, p. 777-795, 1982.

15 “Sacerdote ascético”, conceito tratado por Nietzsche em: NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- GREGOLIN, Maria do Rosário. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**. São Paulo: v.39, p. 13-21, 1996.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo São Paulo**. v.4, n.11, p. 11-25, 2007.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n. 24, p. 68-75. 1996.
- HALL, Stuart. **Sin garantías**: trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Ecuador: Corporación Editorial Nacional, 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **O corpo educado**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, p. 7-34, 2015.
- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): p. 935-952, setembro-dezembro, 2014.
- OLSON, Gary A.; WORSHAM, Lynn. Changing the Subject: Judith Butler's Politics of Radical Resignification. **Jac**. 20.4. p. 726-766, 2000.
- PEREIRA, Lucas de Almeida. A genealogia foucaultiana como ferramenta para a escrita da história do presente. In: CARDOSO-JÚNIOR, Hélio Rabelo; LEMOS, Flávia Cristina Silveira. (Orgs). **Foucault e Deleuze/Guattari**. Corpos, instituições e subjetividades. 1 ed. São Paulo: Fapesp/Annablume Editora. p. 27-40. 2011.
- PRECIADO, Paul Beatrice. **Manifesto contrassexual**. Práticas subversivas de identidade sexual. 2 ed. São Paulo: n-1 Edições, 2017.
- SAID, Edward W. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.
- SANTOS, Boaventura Souza. Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos**. 79; pp.71-94, 2007.
- SANTOS, Edmar Ferreira. Religiosidade africana e afro-brasileira: notas para o ensino de História da África no Brasil. In: SILVÉRIO, V.R; KAWAKAMI-MATTIOLLI, E.A.; MADEIRA, T.F.L. (Orgs.) **Relações étnico-raciais: um percurso para educadores**. (volume II). São Carlos: Edufscar, p. 17-50, 2012.
- SANTOS, Mario Ferreira dos. Prefácio. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Enviado em: 26/novembro/2017

Aprovado em: 22/maio/2018